



A Santa Sé

PAPA JOÃO PAULO II AUDIÊNCIA GERAL Quarta-feira, 2 de Dezembro de 1981 A formação da antropologia teológica¹. "Quando ressuscitarem dentre os mortos, nem casarão nem se darão em casamento" (Mc 12, 25). Cristo pronuncia *estas palavras, que têm significado-chave para a teologia do corpo*, depois de afirmar, no colóquio com os Saduceus, que a ressurreição é conforme ao poder do Deus vivo. Todos os três Evangelhos Sinópticos trazem o mesmo enunciado, mas a versão de Lucas diferencia-se nalguns particulares da de Mateus e de Marcos. Essencial é para todos a verificação de que, na futura ressurreição, os homens, depois de readquirirem os corpos na plenitude da perfeição própria da imagem e semelhança com Deus — depois de os readquirirem na sua masculinidade e feminilidade — "não tomarão mulher nem marido". Lucas no capítulo 20, 34-35 exprime a mesma ideia com as palavras seguintes: "Os filhos deste mundo casam e são dados em casamento; mas aqueles que forem julgados dignos de participar do outro mundo e da ressurreição dos mortos, nem se casam, nem são dados em casamento".² Como resulta destas palavras, o matrimónio, aquela união em que, como diz o Livro do Génesis, "o homem... se unirá a sua mulher e os dois serão uma só carne" (2, 25) — união própria, do homem desde o "princípio" — *pertence exclusivamente "a este mundo"*. O matrimónio e a procriação não constituem, pelo contrário, o futuro escatológico do homem. Na ressurreição perdem, por assim dizer, a sua razão de ser. Aquele "outro mundo", de que fala Lucas (20, 35), significa o remate definitivo do género humano, o encerramento quantitativo daquele círculo de seres, que foram criados à imagem e semelhança de Deus, para que, multiplicando-se através da conjugal "unidade no corpo" de homens e mulheres, sujeitassem a si a terra. Aquele "outro mundo" não é o mundo da terra, mas o mundo de Deus que, conforme sabemos pela primeira Carta de Paulo aos Coríntios, o encherá inteiramente, tornando-se, "tudo em todos" (1 Cor 15, 28).³ Contemporaneamente aquele "outro mundo", que segundo a revelação é "o reino de Deus", é também a definitiva e eterna "pátria" do homem (cf. Flp 3, 20), é a "casa do Pai" (Jo 14, 2). Aquele "outro mundo", *como nova pátria do homem*, surge definitivamente do mundo actual, que é temporal — submetido à morte, ou seja à destruição do corpo (cf. Gén 3, 19: "em pó te hás-de tornar") — *através da ressurreição*. A ressurreição, segundo as palavras de Cristo referidas pelos Sinópticos, significa não só a recuperação da corporeidade e o restabelecimento da vida humana na sua integridade, mediante a união do corpo com a alma, mas também um estado completamente novo da vida humana mesma. Encontramos a confirmação deste novo estado do corpo na ressurreição de Cristo (cf. Rom 6, 5-11). As palavras transmitidas pelos Sinópticos (Mt 22, 30; Mc 12, 25; Lc 20, 34-35) de novo

soarão nessa altura (isto é depois da ressurreição de Cristo) àqueles que as tinham ouvido, diria quase com nova força probante, e ao mesmo tempo adquirirão o carácter de unia promessa convincente. Todavia por ora detemo-nos nestas palavras na sua, fase "pré-pascal", baseando-nos só na situação em que foram pronunciadas. Não há qualquer dúvida de que já na resposta dada aos Saduceus, Cristo desvela a nova condição do corpo humano na ressurreição, e fá-lo propondo exactamente uma referência e um confronto com a condição de que o homem tinha sido participante desde o "princípio".⁴ As palavras "Nem casarão nem se darão em casamento" parecem ao mesmo tempo afirmar que os corpos humanos, recuperados e também renovados na ressurreição, manterão a sua peculiaridade masculina ou feminina e que o *sentido de ser, no corpo, varão ou mulher* será no "outro mundo" *constituído e entendido de modo diverso* daquilo que foi "desde o princípio" e depois em toda a dimensão da existência terrena. As palavras do Génesis, "o homem deixará o pai e a mãe para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne" (2, 24), constituíram, desde o princípio, aquela condição relativamente à masculinidade ou feminilidade, estendendo-se também ao corpo, que justamente é necessário definir "conjugal" e ao mesmo tempo "procriativa" e "generativa"; ela, de facto, está ligada com a bênção da fecundidade, pronunciada por Deus (*Elohim*) na criação do homem "varão e mulher" (*Gén 1, 27*). As palavras pronunciadas por Cristo sobre a ressurreição consentem-nos deduzir que a dimensão de masculinidade e feminilidade — isto é o ser, no corpo, de varão e de mulher — será de novo constituída juntamente com a ressurreição do corpo no "outro mundo".⁵ É possível dizer alguma coisa ainda mais pormenorizada sobre este tema? Sem dúvida, as palavras de Cristo referidas pelos Sinópticos (especialmente na versão de Lc 20, 27-40) autorizam-nos a isto. Lemos nelas, com efeito, que "aqueles que forem julgados dignos de participar do outro mundo e da ressurreição dos mortos... já não podem morrer; são semelhantes aos anjos e, sendo filhos da ressurreição, são filhos de Deus" (Mateus e Marcos referem só que "serão como anjos nos céus"). Esse enunciado consente sobretudo deduzir *uma espiritualização do homem segundo uma dimensão diversa daquela da vida terrena* (e até diversa da do mesmo "princípio"). É óbvio que não se trata aqui de transformação da natureza do homem na angélica, isto é puramente espiritual. O contexto indica claramente que o homem conservará no "outro mundo" a própria natureza humana psicossomática. Se fosse diversamente, não teria sentido falar de ressurreição. Ressurreição significa restituição à verdadeira vida da corporeidade humana, que foi sujeita à morte na sua fase temporal. Na expressão de Lucas (20, 36) por nós citada há instantes (e na de Mt 22, 30 e de Mc 12, 25) trata-se certamente da natureza humana, isto é psicossomática. A comparação com os seres celestiais, usada no contexto, não constitui novidade alguma na Bíblia. Além do mais, já o Salmo, exaltando o homem como obra do Criador, diz: "Contudo, criaste-lo pouco inferior aos anjos" (*Sl 8, 6*). É necessário supor que na ressurreição esta semelhança se tornará maior: não através de uma desencarnação do homem, mas mediante outro género (poder-se-ia mesmo dizer: outro grau) de espiritualização da sua natureza somática — isto é mediante outro "sistema de forças" no interior do homem. A ressurreição significa nova submissão do corpo ao espírito.⁶ Antes de nos aplicarmos a desenvolver esse argumento, convém recordar que a verdade sobre a ressurreição teve *significado-chave para a formação de toda a antropologia teológica*, que poderia ser considerada

simplesmente como "*antropologia da ressurreição*". Reflectir sobre a ressurreição fez que Tomás de Aquino pusesse de parte na sua antropologia metafísica (e ao mesmo tempo teológica) a concepção filosófica platónica sobre a relação entre a alma e o corpo e se aproximasse da concepção de Aristóteles (1). A ressurreição, de facto, assegura, pelo menos indirectamente, que o corpo, no conjunto do composto humano, não está só temporalmente unido à alma (como sua "prisão" terrena, como julgava Platão) (2), mas que juntamente com a alma constitui a unidade e integridade do ser humano. Assim de modo preciso ensinava Aristóteles (3), diversamente de Platão. Se São Tomás na sua antropologia aceitou a concepção de Aristóteles, fê-lo atendendo à verdade sobre a ressurreição. A verdade sobre a ressurreição afirma, com efeito, com clareza que a perfeição escatológica e a felicidade do homem não podem entender-se com um estado da alma sozinha, separada (segundo Platão: liberta) do corpo, mas é preciso entendê-la como o *estado do homem definitiva e perfeitamente "integrado"* através de uma união tal da alma com o corpo, que qualifica e assegura definitivamente a referida integridade perfeita. Neste ponto interrompemos a nossa reflexão a respeito das palavras pronunciadas por Cristo sobre a ressurreição. A grande riqueza dos conteúdos encerrados nestas palavras leva-nos e retomá-las nas futuras

considerações.

Notas 1) Cf. por exemplo: "Habet autem anima alium modum essendi cum unitur corpori, et cum fuerit a corpore separata, manente tamen eadem animae natura; *non ita quod uniri corpori sit ei accidentale, sed per rationem suae naturae corpori unitur...*" (S. Tomás, *Sum. Theol.* 1a, q. 89, a. 1). "Si autem hoc non est ex natura animae, sed per accidens hoc convenit ei ex eo quod *corpori alligatur, sicut Platonici posuerunt... remoto impedimento corporis, rediret anima ad suam naturam... Sed, secundum hoc, non esset anima corpori unita propter melius animae...; sed hoc esset solum propter melius corporis: quod est irrationabile, cum materia sit propter formam, et non e converso...*" (*Ibidem*). "Secundum se convenit animae corpori uniri... Anima humana manet in suo esse cum fuerit a corpore separata, habent aptitudinem et inclinationem naturalem ad corporis unionem" (*Ibidem*, 1a, q. 76, a.1 ad 6). 2) Τὸ μὲν σὸμὰ ἐστὶν ἡμῖν σῆμα (Platão, *Gorgia* 493 A; cf. também Fédon 66 B; Cratilo 400 C). 3) A. *De anima*, II, 412a, 19-22; cf. também *Metaph.* 1029 b 11 - 1030 b

14.

Saudações Aos peregrinos de língua francesa Saúdo com prazer todos os peregrinos de língua francesa presentes neste encontro e dirijo de modo particular aos membros do Movimento Internacional dos Intelectuais Católicos, que se encontram em Roma para o seu Simpósio sobre a "nova ordem económica internacional", o meu encorajamento, e agradeço-lhes a sua amável visita. Faço votos por que os vossos trabalhos dêem um contributo de inspiração cristã para as pesquisas em curso neste campo particularmente complexo, a fim de que se manifestem, progressiva e concretamente, as soluções próprias para superar as desigualdades e as injustiças que bradam entre os povos. Esta solidariedade real e internacional é uma condição essencial para a paz entre as nações e para o advento de uma civilização digna da nossa época. Oxalá o ensinamento do Magistério eclesial seja para vós e para os vossos colaboradores uma fonte preciosa de luz e de coragem! Confio a Cristo Redentor as tarefas delicadas que assumis, e

peço-Lhe que vos abençoe. Não queria deixar de encorajar também os Irmãos de Ploërmel é de São Gabriel que seguem juntos com ardor um tirocínio de renovação espiritual. O Senhor vos abençoe também a vós! *Aos jovens da "Cruzada Estudantil da Colômbia"* Uma especial saudação aos jovens da "Cruzada Estudantil da Colômbia". Queridos jovens: nas vossas tarefas escolares e na vida inteira, procurai dar um claro testemunho de espírito cristão, desejosos de agradar sempre a Deus de O servir com predilecção nos mais necessitados. A vós, formadores e familiares, dou-vos a minha cordial Bênção Apostólica. *Aos grupos de peregrinos de língua inglesa* Tenho muito prazer em dar as boas-vindas às irmãs do ARC Programa, que vieram a Roma de diversos continentes. Jesus Cristo comunique a cada uma de vós, mediante o seu Espírito Santo, a grandeza da vossa consagração à Igreja. A verdade de Jesus vos liberte, e o seu amor vos possua plenamente e para sempre. Dirijo também as minhas saudações aos sacerdotes dos Estados Unidos que estão a estudar na Casa Santa Maria. Lembrai-vos sempre que os fiéis esperam receber de vós a santa palavra de Deus. Queridos irmãos, a eficácia da vossa orientação eclesial depende directamente a vossa união com Jesus Cristo, Sacerdote Supremo e Vítima da salvação. *Aos vários grupos italianos* Dirijo também uma saudação cordial e de bons votos às Irmãs Oblatas do Divino Amor reunidas em Grottaferrata para o seu Capítulo Geral. As grandes linhas da vossa vocação religiosa: Adoração, Reparação e Apostolado, vos estimulem a ser cada vez mais conscientemente o coração da Igreja, sobretudo mediante a adesão fiel aos mais elevados ideais evangélicos. Com a minha afectuosa Bênção. Saúdo cordialmente os participantes no Congresso Nacional de Estudo para Ecónomos de Comunidades e Instituições Eclesiásticas e Religiosas. Soube com prazer, caríssimos filhos, que no decurso do encontro examinastes os complexos problemas do vosso sector à luz também das indicações contidas na Encíclica *Laborem exercens*. Ao fazer votos por que estes dias de estudo vos tenham oferecido orientações úteis para a vossa delicada actividade, concedo a todos, como prenúncio de copiosos favores celestes, a minha Bênção Apostólica. E agora saúdo afectuosamente todos os Membros do Circo "Moira Orfei" que quiseram fazer-me uma visita. Caríssimos Irmãos e Irmãs, vós assumis o encargo de oferecer um divertimento são, distensivo, inteligente ao homem moderno tão cheio de tensão e de problemas. Dou-vos todo o meu encorajamento, ao mesmo tempo que vos agradeço este testemunho itinerante de apego aos valores morais da família e da colaboração fraterna. O Senhor vos assista e conforte todos os dias, e eu abençoo-vos de coração. Dirijo-me, por fim, aos *jovens*, aos *jovens Casais* e aos *Doentes*. Desejo, desta vez, saudá-los juntos para salientar a necessidade daquele amor fraterno, que deve reinar na Igreja entre os diversos membros e os vários grupos. A expectativa do Senhor sustém a nossa oração neste período do Advento. O cristão é um homem que espera Cristo mas esta sua atitude não é passiva nem um desinteresse para com o mundo, Caminhemos, pois. para o Senhor com ânimo alegre, sem nos pouparmos! Vós, *Jovens*, confiai-Lhe com fé as vossas esperanças; vós, *Casais*, o vosso amor cristão o o compromisso de uma fiel e recíproca doação: vós, caríssimos *Doentes*, ofereci-lhe o ouro fino e luzidio do vosso sofrimento que, em união com o Seu, é graça, é salvação, é alegria para toda a Comunidade dos Fiéis. A todos abençoo de coração

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana